

coimbra

↳ **Manifestação do pessoal das piscinas.** Hoje, a partir das 09H00, o pessoal da receção de todas as piscinas da Câmara de Coimbra vai estar reunido na praça Heróis do Ultramar em protesto contra a falta de pagamento do abono para falhas (subsídio atribuído a quem manuseia dinheiro) entre o ano 2009 e 2017. Vai estar presente um representante do sindicato.



Autores de “Alcoholocausto” vestiram caloiros de judeus na Latada



Alusão ao nazismo está a preocupar alguns elementos da comunidade académica

●●● O “fascínio” não é de agora: em outubro do ano passado, no Cortejo da Festa das Latas, os “doutores” do curso de História da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra desafiaram os caloiros a vestirem-se de judeus e nazis. Serão os mesmos que pretendiam, no próximo domingo, no cortejo da Queima das Fitas, desfilar com um carro a que deram o nome de “Alcoholocausto” e onde ostentariam o símbolo de um comboio. A conjugação do verbo não é inocente. Depois de tornada pública a intenção dos estudantes, a direção da FLUC interveio e os estudantes terão garantido que no domingo o carro desfilará sem nome.

Ao DIÁRIO AS BEIRAS, José Pedro Paiva disse que, após “várias” reuniões realizadas com os alunos em causa, estes acordaram “que o carro integrará o cortejo, mas sem nome”. Por seu turno, o aluno responsável [de História] não quis pronunciar-se sobre o assunto, dizendo tratar-se “de uma celeuma criada nas redes sociais”.

Estudantes de História garantiram à direção da FLUC que o carro do cortejo da Queima das Fitas – a que chamaram Alcoholocausto – sairá “sem nome”. Há quem desconfie da intenção do grupo que em outubro, na Latada, vestiu os caloiros de judeus e nazis

Catarina Martins, professora da FLUC e um dos rostos do coro de indignação que depressa se ergueu na internet, acredita que o responsável da faculdade quer desvalorizar o assunto para que a FLUC não fique com a imagem institucional beliscada.

“
discurso direto

► **Banalizar a história dos fascismos, é uma estratégia que serve para fomentá-los.**



Catarina Martins

“A direção fez o que devia fazer, mas os professores estavam já organizados para sair com um abaixo-assinado, caso a teimosia prevalecesse”, afirmou a docente.

Ainda assim, Catarina Martins diz que a comunidade académica vai estar atenta ao que vai acontecer no domingo. E não é a única.

Miguel Monteiro, estudante de doutoramento na FLUC, foi um dos autores da petição que exigia que o carro de História mudasse o nome ou fosse impedido de participar no cortejo – ontem já tinha sido assinada por mais de 550 pessoas. Foi, também ele, um dos organizadores da

ação que está prevista para domingo, no cortejo, e que visa “bloquear o carro” em causa. A iniciativa mantém-se, apesar do “aparente revés” dos “novos fitados”. Porquê? “Porque temos a informação que os estudantes pretendem dar o dito por não dito e manter o nome do carro. Enquanto não tivermos uma certeza, permanecemos atentos. E estaremos lá”, adiantou.

“**Alguns são e reproduzem um discurso antissemita”**

Adriana Bebiano foi uma das professoras da FLUC a falar diretamente com os estudantes em causa. “Não podemos identificar todos, mas alguns são e reproduzem um discurso antissemita”, disse ontem ao DIÁRIO AS BEIRAS. Para a docente, tanto o nome de carro como o comboio (que tem como referente os comboios de deportação de milhões de seres humanos para os campos da morte), são “uma brincadeira de mau gosto e de falta de respeito pelo holocausto, pela memória do maior genocídio da história ocidental moderna e uma falta de noção do que é a responsabilidade implicada no conceito de liberdade de expressão”.

“O respeito pela memória mais trágica da história europeia, devia fazer parte da ética e, já agora, constituir o cerne da formação em

História”, notou.

Para Catarina Martins, o argumento da “liberdade de expressão” dado pelos alunos cai por terra quando se trata de um genocídio.

“A herança de 25 de Abril é da defesa da liberdade com garantia de direitos e respeito pelas diferenças, o que implica o combate de tudo que possa conduzir à repetição de fascismos. Banalizar a história dos fascismos é uma estratégia que serve para fomentá-los”, adverte. Por essa razão, independentemente do que possa vir a acontecer no cortejo, os professores deverão tomar uma posição pública sobre este assunto.

“**Não falamos”**

Num texto partilhado no facebook, Helena Araújo, portuguesa radicada em Berlim, pede aos alunos que “teimam em chamar Alcoholocausto ao seu carro que mostrem a cara”. “Não se escondam atrás de um vago “Novos Fitados de História 2018/2019”, digam quem são, deem a vossa cara e o vosso nome”.

O DIÁRIO AS BEIRAS tentou. “Vamos repetir: se quiserem falar, falamos sem qualquer problema após dia 5 de maio. Antes não falamos com ninguém. Resto de bom dia”, responderam, através de uma mensagem. Sem dar a cara.

| **Patrícia Cruz Almeida**